

“AMIGOS E COMPANHEIROS SE AFASTAM DE MINHA PRAGA” – REFLEXÕES EM TORNO DO SALMO 38,12-23

“Friends and companions shun my plague” – reflections around the Psalm 38, 12-23

Romano Dellazari*

Resumo

A segunda parte do Salmo 38, isto é, vs. 12-21, aborda as consequências sociais de uma doença física que, segundo a visão da época, teria sido causada pelo pecado. Ela afasta do doente os amigos e companheiros. Ao mesmo tempo, ela dá aso aos adversários e inimigos para se aproveitarem do doente tanto socialmente, isto é, o caluniando, como economicamente, explorando-o e talvez, até deprimindo-o. A reação do doente é o silêncio e a confiança em Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Salmos. Salmos penitenciais. Pecado. Doença. Arrependimento. Amigos. Inimigos.

Abstract

The second part of the Psalm 38 namely verses 12-21, deals with the social consequences of a physical illness that, according to the point of view of that time, could have been caused by a sin. The sickness keeps away friends and fellows. At the same time it gives a chance to the adversaries and enemies to

* Possui graduação em Faculdade de Estudos Sociais pela Universidade de Passo Fundo (1975), graduação em Faculdade de Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí (1970), mestrado em Ciências Bíblicas pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1983) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2004). Atualmente é professor (especifique) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado. Pontifícia Universitã Antonianum. Grande área: Ciências Humanas/Área: Teologia/Subárea: Exegese. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia, atuando principalmente nos seguintes temas: salmos penitenciais, salmos em geral, bíblia em geral, jovem e História de Israel, mundo médio oriental antigo introdução à Bíblia, conferências sobre temas bíblicos, programas radiofônicos, cursos de extensão universitária.

take advantages against the sick person, both socially – through slander – as financially, exploring him and perhaps even taking all his goods from him. The reaction of the diseased is silence and confidence in God.

KEYWORDS: *Psalm. Penitential Psalms. Sin. Illness. Repentance. Friends. Enemies.*

Introdução

Neste estudo,¹ continuando a reflexão feita em tempos idos sobre a primeira parte deste salmo, ou seja, *Sl* 38,3-11,² pretende-se propor uma reflexão sobre a segunda parte deste mesmo salmo, ou seja, o *Sl* 38, 12-21 e sobre a conclusão do mesmo.

À guisa de introdução, alguns dados importantes para melhor compreensão do conjunto do salmo serão aqui repetidos. O Salmo 38 é um dos tantos salmos de lamentação individual. Esse gênero literário compõe a maioria dos salmos do saltério. Ele também é um dos sete salmos penitenciais³ e também pertence à coleção javista.⁴

Alonso Schökel, numa visão de conjunto de todo o salmo, diz que as fases cronológicas do mesmo são: o pecado, a doença sofrida e sentida como castigo de Deus, efeitos sociais nas relações com amigos e inimigos, confissão do pecado e súplica por ajuda. É um processo humano bem conhecido e com dimensões teológicas e espirituais não raras no saltério.⁵

¹ Abreviaturas:

ANET: Ancien Near Eastern Texts;
GLAT: Grande Lessico del Antico Testamento;
NDTB: Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica;
PL: Patrologia Latina.

² Teocomunicação, v. 35, n. 149, p. 392-440, 2005.

³ Os outros salmos penitenciais são: *Sl* 6, 32, 51, 102, 130 e 143.

⁴ Os cinco livros do Saltério podem ser divididos em sua predominância no uso de Jahweh ou Elohim como Deus:

Livros	I	II	III	IV	V	
Salmos	1-41	42-72	73-83	84-89	90-106	107-150
Jahweh	272	30	13	31	103	236
Elohim	15	164	36	7	0	7

JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 75.

⁵ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I (1-72)*, p. 548.

Este salmo pode ser dividido em duas partes: v. 3-11⁶ e v. 12-21. Os v. 2 e 22-23 servem respectivamente de introdução e conclusão. A ótica de análise do salmo baseia-se nas consequências do pecado sobre o corpo, carne, בָּשָׂר *bāśār* e alguns de seus órgãos (v. 3-11) como também sobre as relações sociais, sejam com amigos, vizinhos, companheiros ou inimigos (v. 12-21). Talvez seja este o motivo pelo qual os comentaristas dos salmos se referem a ele com poucas letras.

Nos tempos antigos de Israel, pecado e calamidades, como também sofrimentos em geral, eram vistos, com frequência, como fenômenos interligados.⁷ As dimensões da existência humana estão intimamente inter-relacionadas. O pecado também faz com que as relações com Deus sejam distorcidas. A não confissão dele, por exemplo, pode provocar doenças. Sabe-se, por exemplo, que “a *Bíblia postula ser o relacionamento com Deus imprescindível para a saúde humana*. O bem-estar e até a sobrevida dependem do temor a Deus, do respeito à sua vontade, da renúncia à idolatria”.⁸

O Sl 38 apresenta, com muita clareza, a conexão entre pecado e doença. O pecado é descrito como causa de uma doença gravíssima e, por isso, o salmista o confessa.⁹ Impressiona o modo como o salmista descreve seu estado. Este foi acrescido com uma enorme riqueza de detalhes.¹⁰

O modo de pensar desse salmo coincide tanto com o dos povos que existiram antes de Israel, como também com aqueles com os quais Israel convivia, pois que, já muito antes dele, a doença era vista como sinal de pecado. Como exemplo disso existe uma prece à deusa Ištar.¹¹ Desde S. Jerônimo, sem uma análise crítica feita pelos comentaristas posteriores, a doença do salmista foi identificada com a lepra. O orante, no entanto,

⁶ Há controvérsias. Alguns o dividem de outra forma.

⁷ HAYES, John H. *Understanding the Psalms*, p. 82.

⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. *O Ser Humano em Busca de Identidade*, p. 21.

⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 693.

¹⁰ SEYBOLD, Klaus. *Die Psalmen*, p. 159.

¹¹ “Volta o teu rosto para mim, ó minha deusa; esteja atenta à minha prece;

Dá-me o teu perdão, e deixa que teu coração se enteneça!

Tem piedade de meu corpo sofrido, conturbado e aflito.

Tem piedade de meu coração doente, aflito e ansioso.

Tem piedade do meu íntimo, aflito e conturbado.

Estou como que dobrado e choro amargamente.

O meu espírito está atormentado, aos gritos e aos lamentos.

não está querendo falar de um simples diagnóstico médico, mas está aludindo a um estado de solidão e a um isolamento social e religioso tal como a lepra o causava.¹²

Apoiado em parte por Aletti e Trublet,¹³ propomos a seguinte divisão dos vs.12-21:

a – 12s = “aqueles que procuram minha ruína”

b – 14s = lamentação

c – 16s = declaração de confiança

b’ – 18s = lamentação

a’ – 20s = “os que me fazem o mal”

O salmo 38 é um salmo em que na primeira parte dele, o salmista lamenta sua doença física causada pelo seu ser pecador. Ele reconhece isto como uma verdade. Como consequência disso, ele se vê abandonado pelos seus e se defronta com o sarcasmo dos inimigos. Sofre uma provação duríssima. Neste bloco, trabalham-se os efeitos sociais da doença. Ele perde a consideração dos amigos e companheiros e está sob o efeito das furiosas maldições dos inimigos.¹⁴

1 Amigos e inimigos

1.1 *Amigos, companheiros e vizinhos*

O estado desse pecador arrependido era tão lastimável que até os próprios amigos e pessoas de seu círculo de amizade dele se afastavam. O heb. usa o termo *נִגְעָה* ‘nega’ que no *Lv* 13,3 significa “lepra”. Isso não quer dizer necessariamente que seja uma doença real.¹⁵ O que o salmista quer dizer é que caiu em desgraça diante de Deus¹⁶ e, por isso, também

Ergo minha voz para ti, sim, em tua direção: perdoa minha dívida,
Perdoa meu delito, a minha transgressão, os meus erros e meu pecado...
Derruba por terra quem furiosamente te ataca; fã-lo arrastar-se aos meus pés!” ANET,
p. 384-385.

¹² RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 698.

¹³ ALETTI, Jean-Noël; TRUBLET, Jacques. *Approche Poétique et Théologique des Psaumes*, p. 74.

¹⁴ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 787.

¹⁵ GARCÍA CORDERO, Maximiliano. Libro de los Salmos. In GARCÍA CORDERO, Maximiliano; PEREZ RODRIGUEZ, Gabriel. *Biblia Comentada IV*, p. 155.

¹⁶ Diz Alonso Schökel: “Começa o bloco dedicado aos efeitos sociais da doença e a conseqüente reação do paciente. A doença, tão dolorosa quanto chamativa, é teofania de um Deus irado que descarrega sua cólera sobre o homem. Isso produz espanto: ninguém desejaria contagiar-se ou tornar-se cúmplice do homem”. *Biblia do Peregrino*, comentário ao v. 12.

diante da comunidade. “O próximo, encarnado pelo hebreu pelas várias relações de parentesco intertribal e de amizade, diante da evidente marca negativa deixada por Deus sobre seu corpo, se afasta”.¹⁷ No momento em que mais necessitava de uma presença amiga e companheira, sentese só.¹⁸ Ele, por assim dizer, foi alijado da sua comunidade.¹⁹ “São os amigos e companheiros que se mantêm à distância, quebrando assim a comunhão normal e aumentando o sofrimento do orante”.²⁰

O estado físico dele era tão deprimente que, segundo as concepções da época, revelavam todos os seus pecados, ou ainda mais, o revelava todo pecador. Isso porque existiam tabelas de doenças com os pecados correspondentes. O estado de sua dimensão física revelava o estado da dimensão espiritual. O corpo era o espelho do espírito. Ao pecador não restava mais do que ficar vermelho de vergonha. Isso fazia com que aqueles que com ele se relacionavam não o consolassem e dele se afastassem²¹ para não compactuar com ele a fim de que não fossem cúmplices dele e também sobre eles caísse a ira de Deus.²² O doente está

¹⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

¹⁸ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 239.

¹⁹ Haymo, resumindo o pensamento de outros padres da Igreja, ou seja, de Cirilo de Alexandria, Inocêncio III e Eusébio de Cesareia, assim se expressa: “Et ad cumulum omnium malorum, amici mei, ‘id est illi qui mihi pio ac fideli amore putabantur esse conjuncti sine aliqua cognatione carnis, et qui mihi solatio esse debuissent, ‘et proximi mei’ secundum carnem ‘appropinquaverunt’ paulatim accedendo ‘adversum me, et steterunt, id est perseveraverunt erga me malis actibus. Amici mei fuerunt contra me, et qui non fecerunt mihi mala, nullum fecerunt solatium: hoc est, ‘et qui juxta me erant,’ id est conjuncti mihi aliqua cognatione vel amicitia ‘de longe steterunt,’ id est recesserunt a me nullum ferentes solatium, et tunc mihi sic derelicto, illi, ‘qui quaerebant animam meam’ tollere, it est daemones et ministri eorum ‘vim faciebant’, id est manifesta mala inferebant.

Et non tantum mala inferebant, sed etiam mala dicebant manifeste et occulte: et hoc est, ‘qui inquirebant mihi mala, locuti sunt vanitates,’ id est, manifesta mendacia: ut cum dicerent haec mundana sufficere ad beatitudinem, et similia, e non tantum manifeste dicebant nam sed aliquando dicebant bona, non bona, sed seductoria intentione dicebant”. HAYMONIS, Explanatio in Psalmos. In *PL*, p. 226-227.

²⁰ RINGGREN, H. תָּרַץ ‘amad. In *GLAT VI*, p. 858-859.

²¹ “Wie in einer Reihe von älteren Feinddarstellungen gehören sie alle zur sogenannten In-Group, demall tätlichgewohnten Familien- und Freundeskreis (Freunde, Nachbarn, Angehörigewie in Ps 27¹⁰ 31¹² 35^{13f} 41^{6f.10} 55^{14f} 69⁹ 88^{9.19} Job 19¹³⁻²²). Sie zeigen nicht di erwartete Solidarität. Der Schlag, der den Betergetroffen hat, bezeichnet allgemeine von Gottgeschickte Krankheit (Ps 39¹¹ 91¹⁰ Jes 53⁸)”. HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Die Psalmen. Psalm 1-50*, p. 244.

²² LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*, v. 8: Interpretação Bíblica. Princípios, p. 513.

sofrendo a ira de Deus. A marca de seus pecados está escrita sobre sua pele. Isso poderia ser contagioso. A teofania irada de Deus deixara sua assinatura sobre a pele do pecador.

Passa depois a expor como familiares e amigos se separaram dele, ao reconhecerem em seu estado de doença que Deus o estava castigando por algum pecado grave e que não é recomendado permanecer a seu lado. Os inimigos de sempre, poderosos e que são muitos, aproveitam-se da situação de fraqueza e solidão em que se encontra para atacá-lo com mais denodo do que nunca.²³

Ter compaixão dele poderia significar ter que enfrentar a ira de Deus. Modelo disso temos nos três amigos de Jó (*Jó* 3-27). Diz Castellino:

Tudo isso demonstra que ele é objeto da ira divina e como tal perde todo direito de compaixão e assistência. Quem ousaria opor-se a Deus? Se foi o próprio Deus a reduzir o orante a um tal estado, quem ousaria contrastar a obra de Deus deixando-se levar por compaixão e por cuidado? Por isso, com renovada angústia, o salmista deve assistir o distanciamento dos amigos e parentes.²⁴

Santo Agostinho diz que o orante, reconhecendo de um lado seus pecados e as consequências deles perante Deus, ou seja, a doença física, por outro lado deverá também enfrentar os pecados daqueles entre os quais ele vive e diz: “Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos. E dos alheios, poupa teu servo” (*Sl* 18,13).²⁵

1.2 *Os inimigos*

Antes de adentrarmos no que significa *preparam armadilhas os que buscam tirar-me a vida...* (*Sl* 38,13), é necessário ter uma noção do que significam os inimigos, especialmente dentro do contexto dos salmos.

Acontece que para o hebreu, especialmente em tempos mais antigos, as consequências dos pecados do indivíduo não caem apenas

²³ FLOR SERRANO, Gonzalo. Os salmos, p. 434.

²⁴ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 117.

²⁵ AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos: Salmos 1-50*, p. 592

sobre o próprio agente do pecado, mas podem também atingir toda uma comunidade. O pecado individual corrói a comunidade e a desintegra. Esta, muitas vezes, em vez de reagir ao pecado, pode até mancomunar-se com ele. Isso levaria a comunidade e o povo em geral, dentro da ótica bíblica, às vezes, a sofrer desastres naturais e reveses militares (cf. *Js* 7). Entre esses reveses está a destruição de Jerusalém e do templo, como também o exílio. O capítulo 18 de Ezequiel insiste no fato de que o efeito do pecado é a morte. O afastar-se de Deus significa também um afastar-se da salvação e, portanto, correr em direção da ruína e da perdição. A história deuteronomista mostra isso em detalhes.²⁶

O orante deste salmo vive numa situação muito difícil visto que se encontra subjugado sob aqueles que lhe querem tirar a vida, ou seja, eliminá-lo da face da terra.²⁷ A fragilidade ocasionada pela doença, que muitas vezes é vista como castigo, deixa o doente sob o julgamento da comunidade. Isso o torna também física e psiquicamente suscetível perante sua comunidade. Não se sente ameaçado somente por Deus, mas também pelos pecadores que o rodeiam como ainda por aqueles que debandaram para o lado dos pecadores (*Sl* 38,12ss): “*Preparam armadilhas os que buscam tirar-me a vida [nepeš]*” (*Sl* 38,13). Diz Beauchamp:

Tendo perdido todas as possibilidades de refazer por si mesmo sua vida, o sofredor, em vão procura ajuda junto aos seres humanos. Um pecador é sempre um ser humano solitário. Os aliados de ontem não têm mais obrigação de se interpor entre ele e Deus, de pôr a mão numa engrenagem perigosa. Os que eram próximos se afastam e o deixam em face aos inimigos, que não mais se deterão diante de seus projetos perversos. Nesse caso é inútil se irritar, discutir ou se debater. Somente com Deus existe a possibilidade de acertar o problema.²⁸

A fragilidade do doente dá ânimo aos adversários para que o humilhem, o explorem e o roubem.²⁹ Eles se aproveitam do estado degradante do doente para difundir calúnias e difamá-lo. Inventam

²⁶ VIRGULIN, Stefano. Pecado. In *NDTB*, p. 1435.

²⁷ *Ibidem*, p. 787.

²⁸ BEAUCHAMP, E. *Le Psautier. Ps 1-72*, p. 170.

²⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

delitos que teriam provocado o castigo de Deus. Apresentam-no como proscrito de Deus, fomentando, assim, um vazio ao seu redor, isolando-o, inclusive, de seus parentes.³⁰ Perguntam-se pelos tipos de culpas que provocaram a ira de Deus e que lhe ocasionaram tais doenças.³¹ Os adversários aproveitam a ocasião para se apresentarem como abençoados por Deus, porque estão cheios de saúde e vivem na prosperidade. Eles aproveitam o ensejo para ocultar seus desatinos atrás de alguém que está na pior.³²

Por isso é muito difícil encontrar seres humanos que mantêm relações positivas com o orante.³³ Os próprios amigos, companheiros e vizinhos se colocam cautelosos frente a ele. A situação se coloca como sendo EU contra TODOS OS OUTROS, sejam eles amigos ou inimigos.

No *Sl* 38, usam-se os termos יִשְׁׁוֹן *‘āwōn* “iniquidade/anomia” e חַטָּא *h^atā’āh* “falha/pecado” para identificar o pecado. Nesse salmo, especialmente nos vs. 12ss, encontra-se uma experiência de como o estado de pecado provoca uma desestruturação nas relações sociais. A punição pelo pecado passa, portanto, também pelo mundo das relações humanas. Como já anteriormente fora dito, o próximo, encarnado pelo hebreu pelas várias relações de parentesco clânico ou intertribal e de amizade, diante de tão evidente sinal negativo impresso por Deus sobre o orante, faz com que esse grupo acabe por se manter distante do sofrente, da mesma forma que nos encontros e desencontros dialogais entre Jó e seus amigos (*Jó* 3-27).³⁴ Muitos são os exemplos encontrados na Bíblia que espelham essa situação: *Pelos adversários todos que tenho, já me*

³⁰ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 551.

³¹ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448.

³² “O mundo, que até agora parecia vir ao encontro de nossos desejos, se revoltou contra nós e nos mostrou sua face negra e daquele momento em diante tudo passou a ser visto como sem sentido tais como as mais antigas alianças e os amigos mais caros. A ameaça não se refere apenas à saúde de um órgão, a uma função da mente, ao bem-estar socioeconômico, mas ao próprio sentido do existir”. CATTORINI, Paolo. *I salmi della follia*, p. 36.

³³ Isso, de modo especial, é um privilégio dos salmos de ação de graças onde existe uma convocação dos outros, para, juntos com o salmista, louvarem e agradecerem. No *Sl* 32, no versículo conclusivo, existe um convite a fim de que os justos e retos de coração se alegrem, exultem e gritem de alegria. É um convite para que participem da alegria, da exultação e do júbilo do orante perdoado. Mas isso já é um sinal da restauração, da recriação, da reconstrução e da restituição ao estado original da criação. É um sinal da superação do caos pelo qual o orante passara. Esse mesmo orante mostra-se num estado de quem saíra de águas caóticas para a terra firme.

³⁴ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 701.

*tornei escândalo; para meus vizinhos, asco, e terror para meus amigos (Sl 31,12); Até o confidente, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim (Sl 41,10).*³⁵

Diante da concepção de que doença é punição por um pecado, o mal que afligiu o orante do *Sl 38* deixa familiares, parentes e amigos admirados, espantados e se perguntam: nós não sabíamos que ele poderia ser um tão grande pecador! Eles se mantêm a distância. O doente, por assim dizer, se tomou o bode expiatório no qual Deus concentrou sua ira! Ele se torna uma teofania do Deus irado que descarrega sua cólera sobre o ser humano. Uma cumplicidade com ele poderia significar enfrentar a ira de Deus.³⁶ E se a ira de Deus contra ele não mais cessar? E se Deus já o entregou irrevogavelmente à perdição? Se isso for verdade, os que lhe são próximos correm o mesmo perigo que ele!³⁷

Mesmo que não se possa concluir que os adversários do *Sl 38,13* sejam os amigos, companheiros e vizinhos do v. 12, diante da grandeza do castigo que o penitente está sofrendo, Kraus conclui que eles se aliaram com os inimigos, engrossando suas fileiras contra o sofredor, com a finalidade de bani-lo do seu meio.³⁸ E mais ainda. Dentro dos salmos de lamentação, gênero ao qual quase todos os salmos penitenciais pertencem,³⁹ essa é uma conclusão muito coerente, pois, como já fora dito, aparecem apenas adversários e inimigos. O orante está sozinho e não tem em quem confiar a não ser em seu Deus. Há uma profunda ruptura de relações e de qualidade de vida. Isso é trágico, pois o orante sente-se abandonado. No momento em que o sofredor mais necessita de auxílio, de uma presença amiga, de uma mão amiga, de compreensão, de ajuda, ele sente-se abandonado. Diz Schökel-Carniti:

Dizem ameaças, difundem rumores caluniosos. Ainda que a concentração no poder destrutivo da língua seja tópica no AT, creio que aqui descreve situação mais precisa. Os rivais do doente em

³⁵ *Sl 27,10; 55,13-15; 69,9; 88,9.19; Jó 6,15-21; 19,13-19; Is 53,4; Jr 9,2-4; 11,18-19; 12,6; 20,10; 15,10; Lm 1,2.*

³⁶ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 551.

³⁷ GERSTENBERGER, Erhad S. O Clamor dos Salmistas: Onde está Deus? *Concilium*, v. 242, p. 20.

³⁸ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 448-449. Gunkel também assim o pensa. Cf. GUNKEL, Hermann. *Die Psalmen*, p. 162.

³⁹ O *Sl 32* pertence, segundo Ivo Storniolo, ao gênero literário “ação de graças individual”.

estado grave aproveitam-se da sua situação para difundir calúnias e difamá-lo na sociedade; por exemplo, contando ou inventando delitos que teriam provocado o castigo de Deus, apresentando-o como proscrito de Deus, fomentando o vazio ao seu redor. A gente é propensa a crer, e a doença parece provar as afirmações.⁴⁰

Lutero, além do mais, acrescenta que seu estado físico lhe fez revelar também antigos pecados, os quais nunca lhe preocupara sobremaneira. Agora, porém, passam-lhe e preocupam-no. “Uma desgraça nunca vem sozinha!” Inclusive sente sua vida ameaçada pelas mãos dos inimigos.⁴¹ A situação social que aparece é o tema da associação entre doença e perseguição.

Parece que frequentemente a doença (aflição) do salmista está na origem de sua perseguição como se a doença chamasse a raiva. Na nossa situação psíquica, os sentimentos de agressividade acontecem dentro daquele que os experimenta: o medo que a doença (aflição) inspira através de suas complicadas variantes, é respondido exteriormente pela calúnia. A figura do doente (afligido) perseguido e aquela do doente (afligido) deixado só estão em paralelo com os lugares solitários.⁴²

Resumindo conforme diz Cattorini o mundo que parecia estar do nosso lado mostra agora sua face negra. Aquilo que parecia dar um sentido para a vida, tais como o mundo, o corpo e mente se tornam ameaçadores e parecem não passar de cárceres cruéis. Esta é a forma que o salmista usa para indicar o *distanciamento de Deus*. Quando, pela primeira vez, sente-se a dureza do mundo, através do silêncio e da imobilidade de Deus, a angústia invade e pode sugerir buscar uma saída por meio da violência. Tudo o que se aprendeu de deveres, de justiça e de proximidade transforma o ser humano em combatente cínico e desesperado, disposto a tudo para salvar sua vida. “Assim o fazendo, destruiremos os sentimentos mais caros e as atitudes de benevolência que cultivávamos nos bons tempos. Os adversários que o salmista convida a desmascarar estão dentro de nós”.⁴³

⁴⁰ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 551.

⁴¹ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. V. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 513.

⁴² JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 673

⁴³ CATTORINI, Paolo. *I salmi della follia*, p. 36.

Um dos termos usados é חַוְוָה *hawwah*, “cobiça”, é um termo que tem suas ações radicadas no coração do ser humano (cf. *Gn* 6,5; 8,21).

Quem faz o mal persevera na dureza de seu coração, segue os próprios desejos enganosos em vez de escutar a voz de Deus (*Jr* 7,24ss; 11,7s; 14,14. 23,17). Por isso é natural que *hawwah* signifique tanto a raiz íntima do mal, “a cobiça”, como também as suas conseqüências, tais como a falsidade, a insensatez, o engano, a infelicidade. Particularmente o pl. *hawwôt* se refere às conseqüências do mau desejo (...). No *Sl* 38,13 *dibb^e rû hawwôt* [falamos de crimes] está em paralelo a *dibb^e rû mirmôt* [proferem mentiras]. O *Sl* 54,4s diz daqueles que desejam *hawwôt*, que praticam a mentira (*‘āšah mirmah*) e amam o mal (*ra’*) e a mentira (*šequer*). Nestes casos se trata das linguagens, sobretudo as maldosas e enganosas. No v. 9 do mesmo salmo se refere àquele que não confia em Deus, mas nas próprias riquezas.⁴⁴

Isso faz recordar, com as devidas diferenças, a imagem do Servo de Yahweh (*Is* 53,3-5). O salmista era culpado. O Servo de Yahweh era inocente.

2 Lamentação

Os vv. 14s referem-se à lamentação do orante. Abordam seu modo de ser e agir diante da situação de abandono e de ameaças que ele sofre. Como ele se comporta? A resposta é que ele se comporta como surdo e mudo. O orante se faz de mudo e surdo diante de seus adversários. Abdica de usar de órgãos importantíssimos dentro da antropologia bíblica.

Em primeiro lugar, o orante abdica da fala, ou seja, se faz de mudo. O órgão da boca, associado à língua, ao palato e aos lábios é prenhe de simbolismo. A boca é de fundamental importância para o conjunto orgânico e psíquico do homem e do conjunto da sabedoria de Israel, pois para o Primeiro Testamento, “a boca, os lábios e a língua são, acima de tudo, órgãos da fala. Graças a eles, as pessoas podem falar, chamar, ordenar, ensinar, instruir, admoestar, acusar, jurar, abençoar, maldizer, cantar, louvar, exultar, confessar, orar, gritar, lamentar, murmurar e

⁴⁴ ERLANDSSON, S. חַוְוָה *hawwah*. In *GLAT II*, p. 406-407.

cochichar”.⁴⁵ “Ela é a abertura, o orifício ou o espaço por onde passam e são regulados o sopro (que entra e sai), a palavra (que sai) e o alimento (que entra), mas, sobretudo é o órgão com o qual ele fala;”⁴⁶ assim com a *peh* ele se torna porta-voz (*Ex* 4,16: Aarão torna-se porta-voz de Moisés e os profetas são os porta-vozes de Yahweh).⁴⁷ “Por ser o órgão da palavra (*Logos, Verbum*) e do sopro (*ruach, spiritus*), a boca é um símbolo feminino do poder criador”.⁴⁸ O conjunto lábios, boca e língua podem queimar e por isso incluem uma matriz de fogo. Podem cortar e por isso o abrir a boca pode ser como uma espada de dois gumes (cf. *Ap* 1,16; *Is* 49,2; *Hb* 4,12).⁴⁹ Ai estão presentes as línguas de Pentecostes, o princípio da construção e da destruição, de purificação e de aniquilação, o acender velas, o uso do fogo na liturgia etc.⁵⁰ Quando em *Nm* 12,8 Deus se comunica a Moisés, não o faz por meio de enigmas ou sonhos, mas, literalmente, boca a boca, ou seja, poder-se-ia dizer, por meio do beijo.⁵¹

O ouvido, no “cristianismo, como religião da palavra, privilegia o ouvir, os ouvidos, o escutar”.⁵² “Em Israel eram consideradas sábias aquelas pessoas cujos ouvidos eram abertos e que, por isso, tinham adquirido conhecimentos e experiências”.⁵³ “Ouvido e coração são, por assim dizer, o aspecto exterior e interior do processo de entendimento”.⁵⁴ “Com a exortação ao escutar, começa também o “Shema Israel”, (...) rezada até hoje, diariamente, por judeus e judias como credo fundamental” (cf. *Dt* 6,4-8).⁵⁵

⁴⁵ Cf. *Pr* 10,20; 20,15; 25,11; 16,23; 28,23; 12,19; 17,27; 29,20; *Sr* 22,27. SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 179.

⁴⁶ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo*, p. 219.

⁴⁷ *Is* 1,20; 40,5; *Jr* 9,11; *Os* 6,5. Cf. WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell'Antico Testamento*, p. 106.

⁴⁸ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo*, p. 219. Cf. SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 175-176.

⁴⁹ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo*, p. 220.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 221.

⁵¹ Cf. Apócrifo onde se fala que Jesus teria beijado Maria Madalena na boca = comunicar sua sabedoria, ensinamentos. MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo*, p. 227.

⁵² MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo*, p. 216.

⁵³ SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 163.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 161.

⁵⁵ SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 164. E continuam eles dizendo: “A tradição profética e a sapiencial são unânimes em afirmar que Yahweh se alegra muito mais com seguidores e seguidoras que o escutam e observam seus preceitos do que com os esforços empregados no manuseio das oferendas do culto”. Cf. *ISm* 15,22; *Sl* 40,7). “No final de tudo, é Deus quem abre e fecha os ouvidos. Agraciados de modo especial são os profetas e as profetisas”. (*Is* 50,4-5; *Dt* 32,1-2). SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 165-166.

“Por meio de um verdadeiro ouvir e ser ouvido, seja das pessoas entre si, seja entre as pessoas e Deus, surge uma estreita relação, talvez até mesmo uma pertença”.⁵⁶

Diante da atitude dos que o olham, longe de procurar se defender ou se explicar, e mais ainda, longe de procurar por misericórdia, voluntariamente ele se cala (cf. *Sl* 37,7; 39,10). Ele abdica de usar a boca e os ouvidos. O elo de relações foi unilateralmente quebrado. Ele, portanto, deixa para Deus, se for a vontade dele, esclarecer e revelar todos os segredos, pois, apesar de tudo, ele, ao qual o salmista está unido, pode intervir a seu favor. Mesmo que os seres humanos o possam ter por maldito (cf. *Sl* 71,7), Deus pode provar e demonstrar que nada disso é verdade (*Sl* 130,5-6). Assim o ensina a sabedoria sobrenatural, à qual Jó se achegou (*Jó* 19,25; 28,20-28) quando em vão tentou justificar-se. O mesmo o fará o Servo de Yahweh (*Is* 53,7), ou ainda, Jeremias (17,14).⁵⁷

Ele poderia rebelar-se, poderia amaldiçoar e imprecicar, desejando que o feitiço virasse contra o feiticeiro, em outras palavras, que os males a ele desejados recaíssem sobre os que a ele os desejam. Não o faz. Cala-se como prova diante de Deus que ele mudou de vida, que se converteu.⁵⁸ Haymo acrescenta dizendo que não é que ele não possa falar ou responder, mas que isso foi uma opção sua.⁵⁹ Que tudo o que está acontecendo com ele sirva de expiação por suas culpas. Além do mais, dentro das incriminações aconteciam também os ataques contra Deus. Pergunta: Onde ele está? Veja o estado em que ele te deixou! Por acaso esse é um Deus justo? Por acaso não seria melhor não acreditar num Deus que se compraz em reduzir o ser humano a um tal estado físico? Dentro desse contexto, o salmista conclui que é melhor calar para não piorar as provocações e as tentações contra a fé e contra a religião.⁶⁰

⁵⁶ Cf. *Ex* 21,6; *Dt* 15,17; *Gn* 35,4; *Ex* 32,2s; *Sl* 34,16; 116,1s; 130,1-2, 4,2; *Sr* 35,15b-21a. Išma-el e Šemu-el, um Deus que escuta: *Gn* 16,11; *ISm* 1,20. Cf. SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *O simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 167.

⁵⁷ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 787.

⁵⁸ “Ego autem non audiebam’ id est, non movebar de eorum maledictis: ego dico in hoc existens ‘tanquam surdus’, id est, sicut surdus non habet aliquem actum auditus, sic nec ego aliquem actum motionis: et eram erga maledicentes ‘sicut mutus’, et quia mutus etsi non expressa voce, tamen aliquo mugitu vel indicio aliquo iram sua exprimit, ut sua manifestet constantiam, dicit ‘et non aperiens os suum’, id est nullo modo respondens improperantibus.” HAYMONIS, *PL* 116, p. 327.

⁵⁹ HAYMONIS, *PL* 116, p. 327.

⁶⁰ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 118.

Lutero, de outro lado, de forma bastante realista, disse que era necessário “deixá-los ter razão e ficar quietinho como um pedaço de pau, pois minha fala e minha resposta não valem nada e nada ajudam (...). Além disso, também tenho de deixá-los impunes, calar a boca e sofrer injustiça, pois eles não escutam, alvoroçam-se e não deixam falar”.⁶¹ O salmista tem consciência de que ele ocasionou tudo isso. O melhor mesmo é calar-se. E sua palavra não tem mais autoridade nenhuma. Justificar-se por quê? Só poderia piorar a situação. Uma reação argumentada poderia ser contraproducente. Não existem argumentos (tAxk'AT *twkwt*) apropriados para o momento. Ele não tem desculpas. Está sem credibilidade.

3 Declaração de confiança

Como núcleo central desta parte do salmo, nos vs. 16-17, encontra-se uma declaração de confiança em Deus. Reconhece que ele pode tropeçar, mas, de outro lado, que isso não sirva de escárnio e triunfo para os adversários, pois quem por ele responderá será o próprio Deus. É um ser humano que se coloca confiante nas mãos desse mesmo Deus. De fato só a Deus “caberá ‘responder, [הנַח *’ānāh*].⁶² Ou seja, responder à esperança do orante, responder à difamação dos inimigos e rebatê-la”.⁶³ Apesar de a cura ser o íntimo desejo do enfermo, como diz Alonso Schökel/Carniti, nesse “momento o que espera a reivindicação social é que os rivais não triunfem, que não cantem vitória pela sua queda (*Sl* 35,19.25 etc)”.⁶⁴ O salmista tem certeza da graça de Deus e não tem dúvida de sua ajuda. No entanto, não estabelece qualquer prazo ou modo de ajuda.

O contexto desses versículos transparece o fato de que o salmista sozinho se dirige a Yahweh e firmemente espera por uma resposta. Segundo Kraus, é o oráculo do templo, através da palavra todo-poderosa

⁶¹ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. V. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 513-514.

⁶² *’ānāh*, dentro dos salmos que tem Yahweh por objeto, quer, sobretudo demonstrar que eles contêm nas preces individuais e nos hinos de agradecimento um juízo divino cultural que assegura ao orante a justificação e a salvação. Cf. STENDEBACH, F.J. הנַח *’ānāh*. In *GLAT VI*, p. 879-880.

⁶³ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 552.

⁶⁴ *Ibidem*.

do sacerdote,⁶⁵ que lhe vai ao encontro.⁶⁶ O salmista fala com seus botões (אמרתי *amarty* “eu digo”): “*Que não riam de mim, não triunfem sobre mim quando eu tropeço!*” (v. 17). Essa confiança do salmista, segundo Lorenzin, não é só psicológica, mas reside no fato de que o orante, diante do senhor, no templo e acompanhado por seus amigos, tendo presente as experiências de salvação em tempos de outrora acontecidas dentro da comunidade e que com ele agora está orando, não pode perder as esperanças.⁶⁷ Deus pode-lhe fazer justiça! Nele o salmista coloca toda a esperança e dele, após ter confessado seu pecado, espera ajuda e disso ele está seguro.⁶⁸ Além do mais, ele expressa essa confiança porque sua derrota definitiva seria a vitória de seus inimigos. Isso não seria bom para Deus já que o próprio Deus seria visto como alguém distante e que não se importa com os seus.

O salmista tem certeza que, agora, tudo deve ser resolvido entre ele e seu Deus. Os outros não têm nada a ver com o assunto. Basta esperar e Deus não os deixará sem resposta, ou seja, sem ouvi-los. Quanto aos inimigos (talvez amigos d’antanho?), o salmista contenta-se em convencer-se diante de Deus de que ele não os deixará alegrar-se às suas custas, de vê-lo vacilar e cair abandonando o serviço de Deus. Diz Agostinho:

Às vezes, como acontece nesta vida, nossos pés resvalam e caem em algum pecado; logo aparecem as línguas malignas dos inimigos. Então ficamos cientes, mesmo quando calavam os que procuravam. Falam então asperamente, sem compaixão, alegrando-se de ter encontrado atos de que deviam se condoer.⁶⁹

Lutero afirma:

Se eles fossem vitoriosos, eu seria eternamente motivo de sua zombaria e eles estariam com a razão. É essa a razão pela qual eu me preocupo e temo. Pois dessa forma, também tua Palavra teria de

⁶⁵ Cf. Sl 13,5;25,2; 35,15-16.19.24; 41,12; 94,18.

⁶⁶ “Der Kontext in 16 zeigt, dass der Psalmsänger sich allein Jahwe zuwendet und unbeirrt auf seine Antwort wartet (vgl. Ps 130,5). Es ist das “Heilsorakel”, der vollmächtige Zuspruch des Priesters, dem der Beter wartend entgegensieht (...). Welche Erwägungen stellt der Psalmsänger in sich selbst an – während er die Angriffe seiner Feinde ignoriert? Er spricht zu sich selbst (אמרתי): Sie sollen nicht jubeln und triumphieren über mich!” KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 449.

⁶⁷ LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*, p. 176.

⁶⁸ FLOR SERRANO, Gonzalo. Os salmos, p. 434.

⁶⁹ AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos: Salmos 1-50*, p. 597.

se tornar motivo de zombaria. Tal verso mostra como uma pessoa sofredora se preocupa e se inquieta com o fato de os ímpios irem tão bem, achando que vão continuar até que tudo termine para ela. Mas Deus não deixa isso acontecer. Pelo contrário, quando eles se levantam, pensando que alcançaram sucesso, ele os derruba e, com isso, torna os justos novamente felizes.⁷⁰

As três invocações a Deus (Yahweh, Senhor, meu Deus) querem mostrar a intensidade da confissão. O monólogo do salmista conduz ainda a um outro motivo: não existe nenhum desejo a respeito da vitória do mal. Onde os maus triunfam, o salmista e Deus perdem. A alegria dos maus com suas fanfarrônicas ateias são uma tentação para o orante⁷¹ que ainda pensa segundo a sabedoria tradicional onde o justo sempre é premiado (*Pr* 10,30; 12,3; cf. *Sl* 15,5).⁷²

Neste contexto, vem à lembrança as palavras de Moisés, quando Deus no deserto estava irado contra Israel e queria eliminá-lo. A intercessão de Moisés exatamente foi na mesma direção. Ele disse a Deus que se eliminasse Israel, os outros povos diriam que Deus os levava para o deserto para eliminá-los. Isso seria ruim para o próprio Deus!

4 Lamentação

Na construção concêntrica, nos vs. 18-19, retorna a lamentação. Uma pergunta, no entanto, sempre ressurge: O que o salmista quer dizer quando fala a respeito de “quedá”? É uma queda ética (pecado) ou física (doença)? Os raros paralelos que se tem (*Sl* 35,15, *Jr* 20,10 e *Jó* 18,20) deixam dúvidas, ou seja, deixam ambos muito próximos um do outro. Em outras palavras, ele jaz na sua dor.

Na lamentação *mak'ōb* [מַכְאוֹב] (v. 18) indica claramente uma doença (cf. vs. 4.6.8s.) que o leva para uma situação de quase morte e o afaste de seus amigos mais queridos (cf. v. 12). Também na lamentação do *Sl* 69,27 o sofrimento (*mak'ōb*) define um homem que está definhando e está quase morto e isolado do ambiente circunstante.⁷³

⁷⁰ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. V. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 514.

⁷¹ *Sl* 13,5; 35,26; 41,10; 55,13s; *Jó* 19,5.

⁷² HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Die Psalmen. Psalm 1-50*, p. 244-245.

⁷³ MOSIS, K. כַּאֲב *k'b*. In *GLAT IV*, col. 172.

Exatamente esse homem espera uma cura. Mas no v. 19, ele afirma claramente dizendo que pecou quando expressamente fala de minha falta/iniquidade (ynIwO[‘awôni] e meu pecado (ytia]’x; *hatt’atî*).⁷⁴ O orante aponta dois motivos para que Yahweh intervenha rapidamente: em primeiro lugar, pela quase desesperadora situação do salmista (cf. *Sl* 35,15; *Jr* 20,10); em segundo lugar, a confissão sincera, dolorosa que ele fez de seus pecados (cf. v. 2-6; *Sl* 32,3-5; 51,5-6.19). Quanto mais forte é o sentimento de culpa, mais profunda é a esperança na ação misericordiosa de um Deus que pode perdoar e curar.⁷⁵ O contexto nada dentro das típicas súplicas penitenciais⁷⁶ onde existe “um paralelismo cruzado entre sofrimento e pecado; ‘tenho presente minha dor/aflige-me o meu pecado’. Ou seja, o pecado causa uma dor ou preocupação *d’g* [אג], que se une à dor física; confessando-o, conseguirá se livrar dos dois”.⁷⁷

Além do mais, após ter confessado o próprio pecado, que é causa de seus tormentos interiores, e que foram confessados no meio de muita dor, não existe mais justificativa para seus adversários escarnecê-lo.⁷⁸

Reconhecer abertamente as próprias culpas sem procurar desculpas é um ato de profunda honestidade. Colocar-se diante de Deus sem exigir direitos é produto de uma grande fé. A tentação do homem, no entanto, é aquela de desculpar-se e isso é falsidade e vileza: o homem que se desculpa diante de Deus e de si mesmo é um medroso que não sabe olhar no seu próprio rosto. Reconhecer as próprias responsabilidades é sinal de um ser humano de verdade; livrar-se das responsabilidades é típico de um ser humano amedrontado.⁷⁹

Diz Rufino que “não se trata de um instrumento de castigo, nem de ferida e nem de artes médicas, mas de pecado”. Continua ele dizendo:

Não estejas seguro com a confissão dos pecados. Isto não é suficiente a não ser que reflitas sobre teu pecado. Acabaste por confessar teu pecado: o sacerdote que é o médico de tua alma te deu um conselho medicinal: te disse onde te absteres e a que recorrer frente à tua

⁷⁴ HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Die Psalmen. Psalm 1-50*, p. 245.

⁷⁵ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 788.

⁷⁶ *Sl* 41,5; 51,6; 106,6; *Jr* 17,7; *Dn* 9,5...

⁷⁷ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 552.

⁷⁸ LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*, p. 176-177.

⁷⁹ MAGGIONI, Bruno. *Davanti a Dio: I salmi 1-75*, p. 122.

ferida. Portanto, a fim de que sejas curado debes refletir sobre o pecado, sempre o ter presente na memória, cumprir o que te foi pedido, provocar uma cura e fazer uma obra boa.⁸⁰

De um lado ele reconhece viver dentro de uma fraqueza que faz parte de sua própria pessoa e que, portanto, não pode ser muito confiante em si mesmo; de outro lado não pode, no entanto, deixar de sentir o peso de seus pecados. Repete aí o nome dos pecados já citados no v. 5, como que fazendo uma grande inclusão de todo o salmo.⁸¹ Lutero, de um lado, diz que, “em analogia ao modo dos sábios, justos, santos e arrogantes, que estão dispostos a aceitar paz e tranquilidade, conforto e honra, não têm diante de seus olhos nada que os entristeça ou doa, mas só que lhes é alegre e agradável, pois eles escondem e não confessam seu pecado”;⁸² de outro lado, está aquele que tem sempre seu pecado diante de si e o quer confessar.⁸³ Dahood, visto que em *Is* 57,11 e *Jr* 17,8 se usa o verbo דָּאָג *d’āg* “temer” em paralelo com יָרָא *yāra* “ter medo”, “temer”, quer aí ver uma preocupação com o futuro e pecados que ainda possam ser cometidos e não uma dor pelas ofensas passadas.⁸⁴

5 Inimigos

O salmista, diante da sabedoria tradicional em que se afirma que os bons são premiados e os maus castigados, sente-se confuso. Ele

⁸⁰ RUFINO, *PL* 21, p. 788. Inocêncio III vai na mesma linha quando afirma: “Tria illa commemorat, quae sunt in vera poenitentia necessaria, videlicet dolorem compunctionis in corde, pronuntiationem confessionis in ore, et flagellum satisfactionis in opere: singula innuens suis circumstantiis. De primo siquidem dicit: *Dolor meus ante me est sempre*; de secundo ait: *iniquitatem meam ego pronuntio*: de tertio vero inquit: *Ego ad flagella paratus sum*”. INNOCENTII III, *PL* 217, p. 1046.

⁸¹ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 119.

⁸² LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. V. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 514-515.

⁸³ Claro que Lutero aqui, já afastado da Igreja Católica, dá sua alfinetada em certas interpretações: “Só devem odiar os pecados passados que foram expiados e estão, agora, perdoados, mas [que devem odiar] a alma e a vida, que, sem dúvida, ainda estão neles. [Lembrar que o evangelho manda odiar a própria vida...]. Para este pecado, os santos arrogantes deixam completamente de atentar, seguindo seguros e dizendo que são pecados veniais e não contrários ao mandamento de Deus [...], pois contra os pecados veniais não há mandamento e eles também não prendem ninguém, de acordo com o que dizem”. LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 515.

⁸⁴ DAHOOD, Mitchell. *Psalms 1-50*, p. 237.

se defronta com aqueles que não dão a mínima para a lei divina. E mais ainda. Caçoam daqueles que confessam suas culpas e expiam seus pecados através da busca de uma boa relação com Deus. Esses, ingratamente, pagam o bem com o mal. Sem nenhum motivo, eles são ingratos e o veem como um perigo e o querem ver fora do caminho, não reconhecendo o bem que dele possam receber.⁸⁵ Lutero, diante da situação do salmista, coloca na boca dele os seguintes dizeres:

Eles são poderosos e fortes,⁸⁶ eu sou oprimido incessantemente. Eles estão em honra, eu em vergonha. Eles em paz, eu em falta de paz. Eles se multiplicam e têm muitos que lhes são bondosos, que os louvam, que estão com eles; eu estou sozinho, abandonado, e ninguém está comigo ou me é bondoso [...]. Os que se consideram sábios e que se justificam a si mesmos não podem mais do que pagar o bem com o mal, pois a doutrina correta que se lhes oferece, que lhes diz o melhor e serve bem, que, pois, é um bem, esta eles perseguem, pagam com ódio e martírio. Além disso, injuriam e falam mal de todos os que buscam este mesmo bem e o seguem.⁸⁷

Nesses versículos, vs. 20-21, o orante, apesar de sentir-se injustiçado, pois se apresenta em vestes de um penitente arrependido, isso não lhe tira o direito de denunciar a maldade de seus inimigos que, conforme *Sl* 35,12-14, poderiam ter sido seus beneficiados,⁸⁸ demonstrando assim que a “hostilidade não é justificada, implicando, ao contrário, perversa ingratidão. Se o orante buscou o bem e favoreceu seus rivais, então seu pecado foi injustiça, e seus rivais não devem por justiça triunfar. O aspecto social ocupa o primeiro plano”.⁸⁹ Os inimigos

⁸⁵ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 119.

⁸⁶ Alonso Schökel/Carniti oferece duas possibilidades de interpretação do v. 20 através de uma análise filológica. ~yYIx; yb;y>a 'ōy^ebay hayym oferece duas explicações: a) como cadeia constructa significa “meus inimigos mortais” ou ainda inimigos “da vida”, mortais; b) como predicado: “meus inimigos estão vivos e são poderosos” ou com vitalidade diante do doente que se sente às portas da morte. A primeira está em paralelo como yvip.n: yveq.b;m. *mbqshy npshy* do v. 13; a segunda opõe a vitalidade robusta dos rivais à sua quase desesperada situação. Cf. ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 553. Cf. *Bíblia do Peregrino*, comentário *in loco*.

⁸⁷ LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 8. Interpretação Bíblica. Princípios, p. 515.

⁸⁸ LANCELOTTI, Angelo. *Salmi I*, p. 282.

⁸⁹ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 553. Cf. *Bíblia do Peregrino*, comentário *in loco*.

são fortes, poderosos, numerosos,⁹⁰ ingratos e sem compaixão.⁹¹ Ele, agora convertido, é julgado pelos inimigos mais severamente do que o próprio Deus o julgaria. Ele sente-se como Jó diante de seus amigos, pois os seus companheiros são “operadores de iniquidade” (Sl 6,9).⁹² Ele é odiado pelos inimigos não por ser pecador, mas pelo bem que faz inclusive a eles. É odiado porque paga o mal pelo bem.⁹³

Conclusão do Salmo

O texto da conclusão é uma perícope encontrada literalmente no Sl 35,22 e em outros famosos textos de lamentação.⁹⁴

O simbolismo usado é de tipo espacial: a terrível “vizinhança” (v. 22). Ora Deus anula as distâncias e se “apressa em vir” em auxílio para se tornar a salvação daquele que se abandonou ao seu amor (v. 23). O salmo agora pode tornar-se a oração de uma igreja de pecadores que, cientes de sua realidade, se volta ao único salvador. Se dizemos: *não temos pecado*, enganamo-nos e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele, que é fiel e justo, perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça (1Jo, 1,8-9).⁹⁵

O salmo como um todo, no seu pedido de misericórdia, conclui com uma súplica a fim de que Deus não o abandone⁹⁶ e que não fique longe dele e que o Senhor da salvação o venha socorrer.

⁹⁰ רַבֵּר *rabbû* numerosos, com superioridade numérica: “Ciò che è potente fa paura perché presenta un aspetto di superiorità sovrachante che schiaccia l’altro con la grandezza della própria forza, efficacia, capacità di male” COSTACURTA, Bruna. *La Vita Minacciata*, p. 182.

⁹¹ No heb. usa-se o verbo אָסַם *‘āšam* ‘ser forte, poderoso’. “Allo stesso tempo sembra che si potesse, sempre ancor prima della teologia storico-salvifica di Israele, usare il grupo lessicale proprio per coloro che ostentavano la propria umana potenza contro la divinità, o la dispregavano contro i suoi fedeli. Si resta quase ancora entro i limiti del normale uso profano quando nel lamento gli avversari dell’orante sono detti *‘āšûmîm* (Ps. 10,10; 38,20; 65,5). LOHFINK, N. אָסַם *‘āšam*. In *GLAT VI*, p. 970.

⁹² RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 703.

⁹³ KSELMAN, John S.; BARRÉ, Michael L. Salmos, p. 1047.

⁹⁴ Sl 22,12.20; 40,14.18; 70,2.6; 71,12; 141,1.

⁹⁵ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 703.

⁹⁶ “A linguagem de oração, sobretudo nos salmos, usa ‘zb [צָב] *‘āzab* nas lamentações, nas súplicas e nas declarações de confiança. O Deus pessoal abandonou o orante (Sl 22,2; 71,11...) ou o invoca (na liturgia, no culto) numa situação desesperada: ‘Não me abandone!’ (Sl 27,9; 38,22; 71,9,18; 119,8)”. GERSTENBERGER, E. S. אָזַב *‘āzab*. In *DLAT VI*, 591-601.

A expressão “meu Deus” (...), em alguns salmos, torna-se a expressão de uma relação pessoal entre aquele que está rezando e o Deus, o qual é considerado como ‘o seu Deus’. Nessas orações (como também em alguns outros casos), a expressão ‘meu Deus’ ressalta o fato de que o orante está convencido que o seu Deus esteja pronto para escutar sua oração.⁹⁷

Outra expressão usada no v. 23 é *ytir'z>[.l. hv'Wx hūšāhlē 'ez^erātī* “apressa-te em socorrer-me” (cf. *Sl* 70,6; 40,18; 141,1). A expressão denota um movimento interior e impulsivo do ser humano já um tanto impaciente e preocupado com seu estado. Quer de uma vez para sempre ser socorrido.⁹⁸

Lutero tem consciência de que Deus só pode fazer algo onde de fato existe uma necessidade reconhecida da parte do ser humano. Se o ser humano acha que não necessita de nada, Deus não pode ajudar. Por isso ele diz:

Deus não aceita senão os abandonados, não cura senão os doentes, não dá visão senão aos cegos, não vivifica senão os mortos, não torna piedosos senão os pecadores, não torna sábios senão os que não têm sabedoria. Em suma: ele não tem misericórdia senão dos necessitados e não dá graça senão àqueles que estão longe da graça. De modo que nenhum santo, sábio ou justo arrogante pode tornar-se matéria-prima de Deus nem alcançar uma obra de Deus em si.⁹⁹

O orante espera de Deus que este lhe proporcione a cura do corpo e da alma, e junto a reabilitação e ressocialização na sua comunidade.¹⁰⁰

⁹⁷ RINGGREN, H. עֵלֹהִים *'ēlōhīm*. In: *GLAT I*, p. 596.

⁹⁸ “O uso de *hūš* nas invocações de auxílio da parte do orante devia estar já consolidado e uma espécie de fórmula no tempo da composição desses salmos e é provavelmente muito antiga, porque nos textos de Ras Shamra encontra-se a mesma expressão numa oração dirigida a El (...): ‘El, seja rápido! El, apressa-te em vir (...) em ajuda *hpn-s*, em ajuda de Ugarit, com a lança, ó El! Com a lança erguida, ó El!’”. BEYSE, K.-M. עֵלֹהִים *hūš*. In: *GLAT II*, col. 870-871.

⁹⁹ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas. V. 8. *Interpretação Bíblica. Princípios*, p. 516.

¹⁰⁰ HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Die Psalmen. Psalm 1-50*, p. 245.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos* (Enarrationes in psalmos): Salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997. (Col. Patrística, 9/1).
- ALETTI, Jean-Noël; TRUBLET, Jacques. *Approche Poétique et Théologique des Psaumes: Analyses et Méthodes*. Paris: Éd. Du Cerf, 1983. (Col. Initiations).
- ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *SALMOS I* (Salmos 1-72): tradução, introdução e comentário. São Paulo: Paulus, 1996. (Col. Grande Comentário Bíblico).
- BEYSE, K.-M. שִׁחַ הִּוּשׁ. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Grande Lessico dell'Antico Testamento II*. Brescia: Paideia, 2002. (Col. 869-871).
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*. Torino: Marietti, 1965. (Col. La Sacra Bibbia).
- CATTORINI, Paolo. *I Salmi della follia*. Disturbi mentali e preghiere di liberazione. Bologna: EDB, 2002. (Col. Etica Teologica).
- CORDERO, Maximiliano García. Libro de los Salmos. In: CORDERO, Maximiliano García; RODRIGUEZ, Gabriel Perez. *Biblia Comentada IV: Libros Sapienciales*. Madrid: La Editorial Católica, 1962. p. 167-674. (Col. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC)).
- COSTACURTA, Bruna. *La Vita Minacciata*. Il tema della paura nella Bibbia Ebraica. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2007. (Col. Analecta Biblica, 119).
- DAHOOD, Mitchell (Introduction, Translation, and Notes by). *Psalms 1-50*. 7. ed. Garden City (New York): Doubleday & Company, Inc. 1966. (Col. The Anchor Bible, 16).
- ERLANDSSON, S. הַחִוּוּחַ *hawwah*. In BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Grande Lessico dell'Antico Testamento II*. Brescia: Paideia, 2002. (Col. 405-407).
- GERSTENBERGER, S. Erhard. O Clamor dos Salmistas: Onde está Deus? *Concilium*, v. 242, Petrópolis, p. 16-29, abr. 1992.
- GERSTENBERGER, E. S. אָזָב *'āzab*. In FABRY, Heinz-Josef; RINGGREN, Helmer (a cura di). *Grande Lessico dell'Antico Testamento VI*. Brescia: Paideia, 2006. (Col. 591-601).
- GUNKEL, Hermann. *Die Psalmen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962.

- HAYMONIS, Halberstatensis Episcopus. Explanatio in Psalmos. In MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 116*. Parisiis: J.-P. Migne Editorem, 1852. (Col. 191-696).
- HAYES, John Harelson. *Understanding the Psalms*. Valley Forge: Judson Press, 1976.
- HOSSFELD, F.-L.; ZENGER, E. *Die Psalmen. Psalm 1-50*. Würzburg: Echter Verlag, 1993. Col.: Die Neue Echter Bibel. Kommentar zum Alten Testament mit der Einheitsübersetzung.
- INNOCENTII III, Papae Commentarium in Septem Psalmos Poenitentiales (Opuscula dubia). In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 217*. Paris: Garnier Fratres, Editores et J.-P. Migne Successores, 1889. (Col. 967-1130).
- JACQUET, Louis. *LES PSAUMES et le coeur de l'homme. Étude textuelle, littéraire et doctrinale. Introduction et Premier Livre du Psautier. Psaumes 1 à 41*. (Belgica): Duculot, 1975.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen 1 Teilband. Psalmen 1-59*. 5. Grundlegende Überarb. u. Veränd. Aufl. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1978. (Col. Biblischer Kommentar Altes Testament, Band XVI).
- KSELMAN, John S.; BARRÉ, Michael L. Salmos. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jeronimo. Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007. p. 1029-1085.
- LANCELLOTTI, Angelo. *Salmi: Introduzione Generale. Libro I: 1-41*. Roma: Pauline, 1979. (Col. Nuovissima Versione della Bibbia, 18/1).
- LOHFINK, N. אָשָׁם *‘āšam*. In: FABRY, Heinz-Josef; RINGGREN, Helmer (a cura di). *Grande Lessico dell'Antico Testamento VI*. Brescia: Paideia, 2006. (Col. 959-979).
- LORENZIN, Tiziano. *I Salmi*. Nuova versione, introduzione e commento di. Milano: Paoline, 2000. (Col. I libri Biblici: Primo Testamento).
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas, v. 8. Interpretação Bíblica. Princípios*. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia. 2003.
- MAGGIONI, Bruno. *Davanti a Dio: I Salmi 1-75*. Milano: Vita e Pensiero, 2004.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo, Território do Sagrado*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- MOSIS, K. כָּבֹד *k'b*. In: BOTTERWECK, G. Johannes†; FABRY, Heinz-Josef; RINGGREN, Helmer. *Grande Lessico dell'Antico Testamento IV*. Brescia: Paideia, 2004. p. 168-174.
- RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi: Volume I (1-50)*. Commento e Attualizzazione. 7. ed. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1997. (Col. Lettura pastorale della Bibbia).

RINGGREN, H. אֱלֹהִים 'ēlōhîm. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Grande Lessico dell'Antico Testamento I*. Brescia: Paideia, 1988. (Col. 565-610).

RINGGREN, H. אָמַד 'āmad. In: FABRY, Heinz-Josef; RINGGREN, Helmer (a cura di). *Grande Lessico dell'Antico Testamento VI*. Brescia: Paideia, 2006. (Col. 825-837).

RUFINI Tyranni. Commentarium in LXXV Psalmos. In: MIGNE, J.-P. *Patrologia Latina 21*. Parisiis: Garnier Fratres, Editores et J.-P. Migne, Sucessores, 1878. (Col. 641-960).

SCHROER, Sílvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Col. Bíblia e História).

SEYBOLD, Klaus. *Die Psalmen*. Tübingen, J.C.: B. Mohr, 1996. (Col. Handbuch zum Alten Testament I/15).

SERRANO, Gonzalo Flor. Os salmos. In: OPORTO, Santiago Guijarro; GARCÍA, Miguel Salvador. *Comentário ao Antigo Testamento II*. São Paulo: Ave Maria, 2004. p. 339-526.

STENDEBACH, F.J. אָנָה 'ānāh. In: FABRY, Heinz-Josef; RINGGREN, Helmer (a cura di). *Grande Lessico dell'Antico Testamento VI*. Brescia: Paideia, 2006. (Col. 870-886).

VIRGULIN, Stefano. Pecado. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. (Dir.). *Nuevo Diccionario de Teología bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990. p. 1428-1449.

WEISER, Artur. *Os Salmos*. S. Paulo: Paulus, 1994. (Col. Grande Comentário Bíblico).

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana, 1975.

Recebido: 21/08/2013

Avaliado: 22/08/2013